EM BUSCA DE INSTRUMENTOS PARA A LEITURA POPULAR APLICADA AO PLANEJAMENTO E À PAISAGEM URBANA

INSTRUMENTS FOR THE POPULAR READING APPLIED TO THE PLANNING AND URBAN LANDSCAPE

VAZ, Murad Jorge Mussi

Professor temporário do curso de arquitetura e urbanismo, UFSC, mestrando na linha de desenho urbano e paisagem UFSC. E-mail: mudegas@gmail.com

PEREIRA, Élson Manoel

Professor do depto de Geografia, pós-graduação de geografia e pós-graduação de arquitetura e urbanismo - USFC. E-mail: elsonp@cce.ufsc.br

RESUMO

O presente artigo é parte integrante de uma pesquisa de mestrado que busca a instrumentalização da leitura popular no processo de planejamento urbano, para que possam ser propostas tanto intervenções em espaços existentes, quanto novos projetos que complementem a paisagem urbana, sem que haja necessariamente a criação de cenários sem vitalidade, e que permitam haver uma identificação maior por parte da população para que seja efetivamente apropriados.

Optou-se por uma área exemplo, o Largo da Ordem em Curitiba- PR, mas o enfoque maior desse trabalho é a discussão dos métodos utilizados, portanto não há uma caracterização extensa do objeto escolhido.

O método – mapas mentais e entrevistas pode ser utilizados em diversas escalas e intervenções, ficando como sugestão, ratificada pela pesquisa, para outros recortes espaciais.

Os resultados obtidos junto à população mostraram que é viável a criação dessa linguagem comum entre comunidade e técnicos para a construção da paisagem urbana.

Palavras-chave: Imagem, imaginário, leitura popular, mapas mentais.

ABSTRACT

This paper is an integrant part of a master research that searches the creation of instruments about the popular reading in the process of urban planning. Many interventions in existing spaces can be proposals and new projects that complement the urban landscape, but actually we have a creation of scenes without vitality, so we are looking for the popular identification and percetion to have an effectively appropriation.

Is was chosen as example area – o Largo da Ordem in Curitiba, a traditional space, to ratify the methods that can be used in other scales and space clippings

The method - mental maps and interviews can be used in diversses scales and interventions, being as suggestion, ratified for the research, for other space clippings. The results gotten together to the population had shown that the creation of this common language between community and technician for the construction of the urban landscape is viable.

Key words: Imaginary, image, popular reading, mental maps.

1. Introdução

A elaboração de planos tecnocráticos no Brasil configurou cidades cuja paisagem mostram-se fragmentadas e que não traduzem muitas vezes os reais anseios dos cidadãos.

Instrumentalizar a participação popular na construção e efetivação da paisagem urbana, tanto no que concerne o processo de planejamento, quanto na própria gestão, compreende uma ponte entre cidade-cidadão, paisagem e usuários, urbe e pólis.

E como podem ser instrumentalizadas as ações populares? De que maneira traduzir na paisagem a leitura que a população faz da cidade onde vive? A busca por um método de análise de percepção da imagem ambiental encontrou respaldo na metodologia utilizada por Kevin Lynch, em sua tradicional obra “A imagem da cidade”, além de conceitos extraídos do livro de Jane Jacobs, “Life and Death of Great American Cities”. Esse escopo conceitual pôde ser efetivado através de Marcelo Lopes de Souza, através de sua publicação “Mudar a Cidade” com base em dois tipos distintos de leituras sobre o mesmo objeto cidade: a técnica e a comunitária.

A paisagem urbana foi focada, então, sob o viés da leitura comunitária, ou seja através de relatos sobre um espaço tradicional de Curitiba, uma área exemplo – o Largo da Ordem, foram extraídos alguns conceitos que corroboraram para a ratificação da imagem mental.

[...] através de discursos e imagens, o homem re-apresenta a ordem social vivida, atual e passada, transcendendo a realidade insatisfatória. Há pois um deslizamento de sentido, uma representação do outro que não é idêntica, porém análoga, uma atribuição de significados que expressam intenções, desejos, utopias, mitos. (PESAVENTO, 1997, p. 26)

Essa busca pelo olhar comunitário, aliado ao conhecimento técnico permite a criação de uma linguagem uníssona entre técnicos e comunidade, num estreitamento na relação e na consequente disparidade entre os cenários que têm sido criados na paisagem urbana e a efetivação dos anseios e necessidades reais.

Para a leitura comunitária foram utilizados os mapas mentais e entrevistas, com uma efetiva revisão bibliográfica aliada a observações contínuas feitas *in loco*. Os mapas mentais contribuíram sobremaneira para a complementação das informações trazidas pelas entrevistas.

A análise trouxe à luz uma série de conceitos teóricos explicitados de maneira prática e o método de entrevistas e mapas mentais mostrou-se eficaz para a instrumentalização da leitura comunitária.

O presente artigo estrutura-se então da seguinte maneira: uma breve explicação sobre os conceitos teóricos, sobretudo no que tange a imagem ambiental e o imaginário coletivo. Na sequência os métodos e procedimentos aplicados na fase teste do trabalho, chamado então de piloto e as análises deles extraídas.

2. Buscando os conceitos...

Segue abaixo a construção conceitual de imagem, imaginário e imagem ambiental, mais tarde utilizados nos mapas mentais.

2.1. A relação entre imagem e imaginário!

Imagem e imaginário estão aqui relacionados ao contexto urbano. Como? Através de uma contemporaneidade que se altera nela mesma, das constantes alterações nos discursos e re-criações de imagens. Interessante perceber que autores como Célia Souza trazem clara a referência de que o passado em si mesmo, não altera o presente - a imagem do que se vive agora (mas o condiciona muitas vezes), sendo o contrário, é o período em que se vive que altera a própria maneira de ver o passado. (SOUZAc, 1997, p.108)

Através dos diversos olhares com que a sociedade a vê, das múltiplas opiniões que ocorrem no seu meio, dos vários conceitos e preconceitos que se estabelecem, dos símbolos que se criam, e também por ser o “lôcus” do poder, é que a cidade é a projeção no espaço físico, do *imaginário social*. (SOUZAc, 1997, p. 109)

A construção do imaginário é um processo constante, através do contato com o próprio meio sócio-cultural produzido pelo homem, ele interage e reconstrói sua própria imagem. A imagem portanto é sintética, uníssona, possuindo apenas um significado. Ao passo que o imaginário, poderia ser visto como o próprio conjunto de imagens, lido e interpretado pelas lentes da cultura contemporânea. É importante ressaltar a diferença entre os termos, claramente explicitados:

A imagem corresponde à informação solidamente relacionada com um significado que se constrói numa síntese de contornos claros que a faz única e intransferível. A imagem tem um e apenas um significado, [...]. É um código urbano e impõe uma leitura e fruição que estão claramente inscritos na cidade como espaço construído. Ao contrário, o imaginário corresponde à necessidade do homem de produzir conhecimento pela multiplicação do significado, [...]. Pelo imaginário, a imagem urbana – locais, monumentos, emblemas, espaços públicos ou privados – passa a significar mais pela incorporação de significados extras e autônomos em relação à imagem básica que lhes deu origem. (FERRARA, 1997, p. 194)^a

A imagem obtida através dos mapas mentais e nas entrevistas é única, apesar de ser a síntese de várias visões sobre o mesmo objeto. Esse é o código buscado, para que possa ser aplicada no próprio planejamento da paisagem urbana. A única ressalva que poderia ser feita à citação acima é que traz a cidade somente como *espaço construído*, expressão à qual poderia ser acrescentada, não somente construído mas também o social. Quando analisado, o imaginário traria o caminho inverso, a construção necessária de significados. Daí surgem as diferentes visões sobre um mesmo objeto, ou diversos objetos, os slogans criados para as cidades, para os bairros, como o La Bocca em Buenos Aires. A grande questão colocada sobre o Bairro La Boca, em Buenos Aires, gira em torno da intervenção ser apenas uma *maquiagem* que não conseguiu re-dinamizar a vida no bairro, a não ser atrair um fluxo maior de turistas, ainda mantendo altas taxas de criminalidade. Tem como focos principais La Bonbonnera - o estádio de futebol e a Rua Caminito. entre outros. Assim a partir de uma imagem inicial, estariam sendo acrescentados outros significados. De maneira associativa, como trabalhado por Lucrecia Ferrara, os significados vão se complementando (ou não) contribuindo para uma complexidade imagética.

A cidade torna-se o lócus do imaginário, pela própria gama de intervenções pelas quais remodela-se ora espacialmente, ora discursivamente. Todos os objetos são construídos dentro do tempo e do espaço, e para tanto, a leitura deve proceder a esta busca pelo momento presente, buscando uma “regularidade percebida nos fatos.” (SOUZA, 2004, p. 222)

Ao buscar aplicar mais especificamente à cidade, encontrou-se em Lynch (LYNCH, 1997) a fundamentação necessária para a construção da Imagem Ambiental, a ser descrita no próximo item.

Segundo Lucrécia Ferrara (FERRARA, 1996), em sua obra *As Cidades Ilegíveis*, a percepção ambiental pode acontecer de duas formas: tanto visual quanto informacional. A visual relaciona-se aos elementos distintivos: cor, forma, textura, volumes, limites e localização. Já a informacional, relaciona-se à criação de signos, precisando de um tempo maior para sua leitura. Segundo a autora, *a complexidade da cidade como objeto de pesquisa necessita de criatividade*, cada pesquisa é única em percepção ambiental informacional:

A rejeição de modelos teóricos ou de métodos prefixados não equivale ao empirismo ingênuo [...] A procura da realidade é operacional: busca-se a linguagem da cidade, as representações de valores, os hábitos e as expectativas construídos pela vida diária e dispersos em marcas e sinais que passarão esquecidos ou inadvertidos, se não forem resgatados pela observação atenta do pesquisador. (FERRARA, 1996, p. 66)

Buscamos esses signos em nossas análises, afim de elucidar as pistas encontradas nos desenhos.

2.2. Imagem ambiental – É possível aplicar ao planejamento?

[...] a cidade não se confunde com o discurso da sua leitura, que cria uma inteligibilidade urbana. (FERRARA, 1996, p.67)

Ao trabalhar com o conceito de imagem ambiental, Lynch, faz referência à sua decomposição em três elementos básicos: identidade, estrutura e significado. (LYNCH,1997, p.9).

Quando trata-se de significados em relação ao ambiente urbano, a questão tornar-se mais complexa. “as imagens grupais de significado tendem a ser menos consistentes nesse nível do que as percepções de identidade e relação. Além do mais, o significado não é tão facilmente influenciado pela manipulação física como esses outros dois componentes.” (LYNCH,1997, p.10). Nesse âmbito, é necessário buscar a clareza física do ambiente urbano, aliado a uma busca por significados que desenvolvam-se independentemente, sem a intervenção direta dos técnicos. Separar significado e forma torna-se difícil, portanto a análise buscada estará centrada mais na estrutura e na identidade do objeto (do mesmo método utilizado por Lynch). A imagem é a combinação de todos os sentidos, postos em operação.

Figura 1: Imagem ambiental (LYNCH,1997, p. 9)

É esse imaginário encobridor que, substituindo o real pela fantasia, constitui o ponto de partida para a construção de falsas lembranças impedindo que as possibilidades oferecidas pelo real e exploradas. (PRONSATO, 2005, p.119)

Justamente essas falsas lembranças, muitas vezes presentes ou incutidas pelo discurso oficial é que devem ser re-trabalhadas, buscando mais uma vez, aquilo que Lynch delineou nos três conceitos: identidade, estrutura e significado. “Cada cidadão tem vastas associações com alguma parte de sua cidade,e a imagem de cada um está impregnada de lembranças e significados.”. (LYNCH,1997, p.01)

Figura 2: Imagem ambiental (LYNCH, 1997, p.11-12)

Imaginabilidade relaciona-se com legibilidade e visibilidade. Esses conceitos são cruciais para aplicação tanto no planejamento quanto no desenho urbano, a citar os bairros novos criados, como o Parque da Nações (construído para a expo 98) em Lisboa, ou a Vila Olímpica em Barcelona, que re-dinamizaram o turismo nessas cidades. Outro exemplo interessante é a inserção do museu de Bilbao, uma inserção que propiciou à cidade um incremento real através do turismo. Mesmo Paris, uma das capitais mais visitadas no mundo trabalha constantemente com o conceito de *cidade imaginável*, sempre com novas imagens ora impactantes, Centre Georges Pompidou, Arc de la Defense, Parc e La Villete, ora em harmonia com sua própria estrutura, como as edições da Paris Plage, todas com alto apelo sensorial, embora algumas delas sejam temporárias. Trazendo para o plano brasileiro, podem ser citados os projetos executados no Rio de Janeiro.

Segundo o mesmo autor, o papel social da paisagem está na possibilidade de oferecer material para as lembranças e símbolos comuns que "[...] unem o grupo e permitem que seus membros se comuniquem entre si." (Lynch, 1997, p.143) o papel da forma física no processo de percepção é muito grande. Os ambientes podem atrair ou repelir, e mesmo facilitar sua organização ou distinção, estando vinculados à capacidade humana de memorizar materiais associados ou desconexos.

Formando a imagem mental...

Ultrapassar a fronteira das diferenças individuais, para atingir as imagens públicas: imagens mentais comuns a vastos contingentes de habitantes de uma cidade.

Figura 3: Formando a imagem mental

A imagem mental, portanto, pode contribuir para a formação as imagens públicas. Cada indivíduo (observador) transforma a imagem, através de sua percepção ativa no mundo (percepção individual e sua participação no desenvolvimento da imagem) beirando a familiaridade gerando a *identidade*, através da organização da *estrutura*. Essa dinamicidade, que varia entre observadores, está numa constante busca aberta a novos *significados*. Notar que os termos em itálicos são as três componentes básicas da imagem ambiental. E de que maneira esse processo pode ser instrumentalizado? O método aplicado por Kevin Lynch, consistiu em uma entrevista com uma pequena amostra de cidadãos sobre a sua imagem do ambiente e um exame sistemático da imagem mental suscitada em campo em observadores experimentados, ambas visando o conceito básico de imaginabilidade.

Contudo, no que diz respeito às conexões e à organização geral, surge uma divergência importante entre as duas fontes. As conexões conhecidas mais importantes persistem nos esboços, mas muitas outras podem desaparecer. Talvez as dificuldades de desenhar e ajustar tudo simultaneamente tornem esses mapas esquemáticos extremamente fragmentados e deformados. Não constituem um bom índice da estrutura conectiva conhecida. (LYNCH, 1997, p.167)

Dois problemas foram levantados pelo autor, tanto o tamanho da amostra, quanto à sua categorização em classe, tendendo a ser adultos da classe média, sem haver uma grande abrangência social. Mesmo assim, as conclusões obtidas apontam para uma validade do método, pois as hipóteses puderam ser ratificadas. Mesmo assim, em tratando-se de uma pesquisa qualitativa, havendo uma coincidência e repetitividade nas respostas a pesquisa é validada, porque passa a simbolizar a visão de vários grupos.

Sendo as cidades usadas por muitos grupos de pessoas, torna-se importante compreender de que modo os diferentes grupos principais tendem a imaginar seu entorno. (LYNCH, 1997, p.181)

Pode-se traçar um paralelo com Sylvia Pronsato, pois a autora traz que a efetivação da cidadania pode ser obtida através da imagem ambiental coletiva, conceito este permeado pelo efetivo direito à cidade e aos laços que se formam entre cidadão e espaço construído, e mesmo entre os cidadãos.

[...] a relação entre a comunidade e seu ambiente, vista como um processo dinâmico permeado de afeto pelo lugar e ligado às lutas pelos direitos de cidadania. (PRONSATO, 2005, p.32)

Notar que a autora usa termos como *afeto ao lugar* e *ligado às lutas*, essas relações somente podem ser criadas quando há uma leitura espacial, com sua conseqüente assimilação, através do mesmo processo de simbolização cultural já trabalhado. A tentativa de aplicação de um planejamento mais consciente da realidade busca uma reorganização de sua própria ordem estrutural:

Le système de décision n'est plus structuré selon un ordre hiérarchique avec un centre qui vote la loi, conçoit les normes techniques et réglementaires, et élabore les politiques et une périphérie qui en négocie la mise en oeuvre. Il est devenu polycentrique car les acteurs apparaissent comme autant des centres autonomes de décision et aucun d'entre eux, pas même les administrations publiques, ne peut incarner à lui seul la collectivité ou l'intérêt general. (NOVARINA, 2002, p.53)^b

Nesse ponto se faz necessária a efetivação da ação popular no processo de planejamento. Como dito por Gilles Novarina, as administrações públicas não podem centrar nelas mesmas o sentido de coletividade ou mesmo tomar como seu o interesse geral. Como se dá a passagem do legal para o real? Há uma correspondência clara ou tais conceitos deveriam ser revistos?

Para garantir a sustentação local da imagem, o modelo faz uso de um discurso, supostamente racional e neutro, pautado numa ideologia simplificadora, tecnicista e redutora da dimensão política da produção cotidiana do espaço. (MOURA;2001;p. 218).

Indo além e pinçando alguns conceitos mais de Rosa Moura, afim de garantir a imagem e lhe dar suporte, o discurso mostra-se racional e neutro, ideologicamente simplificador, tecnicista e redutor da dimensão política da produção cotidiana do espaço. (MOURA, 2001, p. 218)

A imagem urbana construída transforma o imaginário da cidade, instalando no nível da consciência social, o desejo de uma 'nova cidade', que se sustenta na veiculação de uma paisagem urbana articulada com um novo imaginário social. (MOURA,2001, p. 215)

3. Aplicando os mapas mentais!

A pesquisa contou com um universo amostral de usuários, mas serão trazidas abaixo as análises feitas com a fase teste, que propiciaram a complementação para as análises finais.

A imagem mental buscada, vincula-se tanto àquela trazida pela própria vivência dentro da área-exemplo escolhida, quanto aquela referente ao imaginário coletivo já consolidado. A imagem mental, formada portanto, tanto pela vivência quanto por informações trazidas será recuperada sob a forma de desenhos.

Chamou-se de imagem mental o fenômeno psíquico da associação da memória dos eventos com seu sentido subjetivo e individual de valoração. Supõe-se que essa associação seja feita a partir das vivências e tenha por finalidade principal a orientação física e a estabilidade emocional. Sua construção consiste na criação de um modelo abstrato do meio ambiente e de tudo o que nele ocorre, modelo no qual se encontram dinamicamente conectadas as diversas informações, dos valores aos desejos individuais e coletivos. [...] A imagem mental é, pois, um modelo do mundo. (JODELET, 2002, p.109)

É de suma importância salientar que a percepção sobre o mesmo recorte acontece de maneira diferente, variando conforme a capacidade pessoal em apreender o que está a sua volta. Ora os mapas se mostram próximos ao real com a conformação espacial existente, fachadas e marcos fazendo alusão à sua localização real, ora demonstram apenas os marcos encontrados, e muitas vezes apenas referências pessoais, fazendo com que não haja a mesma percepção espacial, mas sim, relativa a um ou outro específico.

As entrevistas estavam baseadas em cinco perguntas básicas, visando entender quase os marcos presentes em tal espaço, buscando também a frequência de uso, as sensações e as imagens referenciais agregadas de cada um dos entrevistados.

O estudo dos desenhos e entrevistas obtido, está exemplificado abaixo:

Figura 4: Mapas mentais

A partir do trabalho de campo, colocou-se a questão de como extrair as referências ora das entrevistas ora dos desenhos. Nota-se nos dois exemplos acima duas diferentes maneiras de expressar a visão a partir de um mesmo objeto. No primeiro exemplo (mapa nº. 01), as referências foram dispostas aleatoriamente, os paralelepípedos, o Relógio das Flores, a araucária e a Igreja da Ordem, o autor desenhou aquilo que julgava pertinente sem relação direta com sua disposição no espaço real. No segundo exemplo (mapa nº. 05) percebe-se uma disposição próxima à real, com referências escritas, um mendigo, pichações e outros elementos pertencentes à cidade real. Essa diferença de expressão mostra que a mesma pergunta pode ser interpretada de diversas maneiras, o que demonstra haver necessidade de flexibilidade no método de interpretação. Ao analisar cada um dos cinco desenhos obtidos segundo os conceitos de qualidade da forma de Lynch, obtiveram-se resultados salutaros para o cruzamento de dados com as entrevistas. Ao aprofundar a análise, percebe-se que entre os mapas um e cinco, ressalta-se a diferença de percepção. No mapa 01 fica evidente que cada um dos elementos desenhados chama atenção por si só, não havendo uma visão do todo. São ícones que representam a cultura curitibana e a imagem que é repassada sobre a cidade: a araucária, e sobre o largo especificamente: o relógio das flores, a Igreja da Ordem e os paralelepípedos do piso. Essa ausência de noção

espacial dificulta a apreensão de como é visto o todo, mas permite que se extraia a importância de cada um desses elementos menores. Há uma simplificação da imagem que facilita sua leitura, e mostram-se elementos que estão fora do alcance visual, mas que constituem símbolos locais, no que concerne a imaginabilidade dos elementos. No mapa número 05, há uma visão mais próxima à configuração real, com o bebedouro colocado no centro e uma série de referências espaciais. Como a Igreja, o museu, e os bares, elementos esses muito citados nas entrevistas, acrescidos de referenciais sociais também, como o mendigo dormindo na rua com a garrafa de bebida e as pichações, referências claras à falta de segurança de tal espaço. Há uma continuidade entre desenho e realidade, apesar, de haver uma simplificação, mas esta corresponde de maneira muito próxima ao que existe lá.

Trabalhou-se então em duas óticas diferentes: nos desenhos foi buscada a dicotomia entre o imaginário e o real, no que se refere à imagem do largo. E nas entrevistas uma série de referências para a construção da árvore. Por que? Para que fosse validada mais de uma maneira de análise para o trabalho. Observar o esquema abaixo:

Extraído dos desenhos

Figura 5: Análise dos desenhos – piloto

Extraído dos desenhos, a partir do título Largo da Ordem. A partir de dois braços principais, um vinculado ao imaginário e outro vinculado ao plano real encontraram-se uma série de aspectos positivos e negativos a serem trabalhados. No que se refere ao imaginário foram levantadas basicamente três classificações: espaço referencial, o de centralidade e o de ponto de encontro. Espaço referencial relacionado aos artefatos construídos, basicamente por seus símbolos, marcos e pela história local. A história local também o relaciona com a centralidade, muitas vezes considerado como marco zero de Curitiba. E num outro viés com o encontro de todas as

tribos. Relacionada à terceira classificação, efetivamente como ponto de encontro. No plano real ou físico, observou-se basicamente como um corredor de passagem, ligado tanto à falta de apropriação efetiva quanto aos problemas sociais. Falta de apropriação aconteceria não só, mas também por usos pouco diversificados o que também gera a ausência de vida urbana relacionada à ausência de pessoas, o que acarreta uma série de crimes, problemas sociais, como pichações, a presença de andarilhos e assaltos.

Tal abordagem é eficaz para pequenas amostras, tanto quanto àquela utilizada para as entrevistas, por sistematizar melhor as informações conforme a percepção. Separadas por ramos de referências, as análises das entrevistas, possibilitaram ressaltar pontos importantes trazidos do referencial teórico como os conceitos de cultura e a construção das imagens. Os ramos foram traçados através do termo referência, classificadas em históricas, ou seja elementos componentes da história curitibana; míticas, aqueles que corroboram para a ratificação da história local; de percepção, tanto positivas quanto negativas; institucionais, apareceram em menor quantidade, fazendo referência ao governo local e suas instituições; simbólicas, aquelas que formam a imagem do largo; de usos; e as ausências, ligadas à percepção, trazendo a imagem de perdas no decorrer de sua história e aspectos negativos hoje levantados. Pela quantidade de elementos levantados, a inter-relação entre os ramos é inevitável. Abaixo segue o mapa traçado:

Figura 6: Análise das entrevistas – piloto

Esse mapa seria uma síntese entre o mapa mental, as imagens mentais obtidas e o conceitual, ou seja, uma série de referências obtidas, acima descritas. Tal maneira de conduzir a análise por referências permite, uma leitura mais ampla, pois muitas vezes os elementos estão presentes tanto no plano real quanto no imaginário, sendo mais fácil sistematizá-los na segunda análise.

se, inclusive com a quantidade de informações colhidas com o trabalho de campo realizado posteriormente.

4. Conclusão

A partir da aproximação através das entrevistas e dos mapas, pôde-se extrair a percepção que a população tem sobre a paisagem urbana. E de que maneira podem ser utilizadas tais informações? Através da proposição dos objetivos e diretrizes tanto projetuais, de planejamento e de gestão urbanas.

Dessa maneira, a instrumentalização da leitura popular efetiva uma paisagem urbana com símbolos já existentes, e no caso de proposição de novos, podem ser traçados paralelos com a história local, sem que haja grandes rupturas com aquilo a malha existente.

Os conceitos buscados no início: imagem, imaginário, imagem ambiental, etc., puderam ser observados na prática e essa abordagem tornou mais simples sua compreensão.

Os mapas mentais permitiram uma abordagem simples e complementaram-se pelas entrevistas, permitindo uma maior liberdade para os entrevistados.

Pode-se sugerir para futuros trabalhos a complementaridade de tal método acrescentando os mapas cognitivos (que inclusive foram utilizados na seqüência do trabalho desenvolvido) para a sistematização de todos os conceitos obtidos e sua organização lógica para a proposição das ações diretas sobre a paisagem urbana.

Notas

- (1) Grifos nossos.
- (2) "O sistema de decisão não é mais estruturado segundo uma ordem hierárquica com um centro que vota a lei, concebe as normas técnicas e regulamentares, e elabora as políticas de uma periferia que negocia e a aplica. Tornou-se policêntrico porque os atores aparecessem como centro autônomos de decisão e nenhum entre eles, nem mesmo as administrações públicas, não podem encarnar nelas mesmas, a coletividade ou o interesse geral."
"Tradução do autor."

Bibliografia

- FERRARA, Lucrecia D'Allesseio. As cidades ilegíveis: Percepção ambiental e cidadania. In: DEL RIO, Vicente (Org.) *Percepção Ambiental*. São Paulo: Studio Nobel, 1996.
- JACOBS, Jane. *Morte e vida de grandes cidades*. São Paulo: Fontes, 2000.
- JODELET, Denise. A cidade e a memória. In: DEL RIO, Vicente; DUARTE, Cristiane Rose; RHEINGANTZ, Paulo Afonso (Orgs.) *Projeto do Lugar – Colaboração entre psicologia, arquitetura e urbanismo*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria/Proarq, 2002.
- LYNCH, Kevin. *A imagem das cidades*. São Paulo: Fontes, 1997.
- MOURA, Rosa. Os riscos da cidade modelo. In: ACSELRAD, Henri (Org.). *A duração das cidades*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001.
- NOVARINA, Gilles. *L'usage de projet*, Paris.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. A cidade maldita. In: SOUZA, Célia Ferraz de; PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org.). *Imagens urbanas: Os diversos olhares na formação do imaginário urbano*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1997.

PRONSATO, Sylvia A. D. *Arquitetura e paisagem, projeto participativo e criação coletiva*. São Paulo: Annablume, 2005.

SOUZA, Marcelo Lopes de. *Mudar a cidade: Uma introdução crítica ao planejamento e à gestão urbanos*. 3. ed. rev. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

SOUZA, Lucilene Inês Gargioni de. *Universidade Federal de Santa Catarina. O redesign da informação no processamento da imagem*. 2004. 461f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2004. Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção.

SOUZA, Célia Ferraz. Construindo o espaço da representação: Ou o urbanismo de representação. In: SOUZA, Célia Ferraz de; PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org.). *Imagens urbanas: Os diversos olhares na formação do imaginário urbano*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1997.